

PRODUÇÃO DA SIGNIFICAÇÃO, A PARTIR DO PENSAMENTO COMPLEXO: PERSPECTIVA PARA OS ESTUDOS EM COMUNICAÇÃO.

Dinorá Fraga da Silva - Doutora

Busca de uma ciência com consciência

Situar o entendimento dos conceitos que orientam os estudos em Comunicação naquilo que está sendo chamado de pensamento complexo ou complexidade, numa perspectiva sistêmica, implica, conforme pensadores como Edgar Morin (1996) pensar sobre o que torna possível a teoria. E esse compromisso deve ser feito a partir da integração daquele que concebe - o pesquisador, na concepção - no caso, teorias e métodos sobre Comunicação. Trazemos, então, a perspectiva do pensamento complexo para os estudos em Comunicação, particularmente em aspectos que interessam mais de perto ao objeto da Comunicação Social, quais sejam a mídia de massa e a mídia em ambiente informatizado, entendida enquanto produção de processos socioculturais de significação, é pontuar a discussão das teorias naquilo que as tornam possíveis dentro deste campo de estudos. A vinculação das teorias ao que as torna possíveis é científica e politicamente importante porque nos auxilia a fazermos, em nosso campo de estudos, uma ciência que tem mais chances de ser consciente de si mesmo.

Assumimos, com isso, uma postura epistemológica importante para que não acabemos construindo uma máquina teórica, cada vez mais fechada, prejudicando a capacidade crítica de nosso trabalho. O pretexto de não ferir o rigor científico nos torna de difícil permeabilidade às rupturas tanto teórica e metodológicas, quanto às transformações sociais e culturais emergentes. Neste movimento de fechamento teórico circulam paradigmas hegemônicos que, por sua vez, geram modelos teórico-metodológicos que neles se enquadram. Comumente, movimentos conflitantes a tal hegemonia são considerados desvios. Assim, diríamos, inicialmente, que o lugar epistemológico do embasamento da complexidade nos estudos comunicacionais é o da produção de mente aberta para mudanças não consideradas paradigmáticas. Tal posição envolve abertura para

produzir mudanças dentro da fase da revolução científica. Segundo Khun (1989), este é o momento da superação das perguntas que são feitas dentro da ciência normal, que constitui o paradigma vigente. Na razão aberta, característica do pensamento complexo, assumimos as anomalias como produtoras de problemas para investigação, a partir das ressignificações e absorção da pertinência das novas significações socioculturais. Este texto procurará pensar novos espaços teóricos e metodológicos, sob o prisma da complexidade, tomando como recorte a articulação entre sistemas de pensamento e semiótica. Propõe o pensar sobre processos cognitivos e semióticos, articulando experiências comunicacionais inauguradoras, como é o caso do ciberespaço e de novas formas de textualidade. Novas questões se colocam sobre o sujeito para além do sujeito do estruturalismo, onde, cada sujeito respondia pela unicidade de um sujeito psicossocial e cultural ou, para além da idéia do sujeito polifônico, de Bakhtin (1970), que respondia a uma concepção sociológica, segundo a teoria marxista. As práticas do ciberespaço nos autorizam a perguntar sobre como é possível produzir sistemas e processos coletivos de conhecimento - inteligência coletiva como propõe Pierre Levy (1997) e Derrick de Kerckhove (1997).

Pensando com Edgar Morin

Para nos situarmos epistemologicamente no enfrentamento destas questões, começemos por algumas idéias que são apresentadas em Morin (1996). O autor apresenta a realidade como multidimensional, no sentido de que somos seres **ao mesmo tempo** biológicos, sociais, psicológicos e culturais. Semioticamente, somos seres capazes de produzir idéias e transcodificá-las para qualquer outra linguagem. Somos capazes de ter emoções e sentimentos, expressando-nos em risos, choro e sonho. E mais, somos capazes de saber que sentimos e que sabemos. Temos conhecimento de nosso conhecimento, entretanto, impregnados pela modernidade, nosso pensamento se fragmenta e nossos hábitos mentais nos fazem separar o que pode ser visto como uno-complexo. Fragmentados, passamos para seres biológicos, reduto da Biologia; seres psicológicos, reduto da Psicologia e assim por diante. A experiência da saúde ou da doença e a experiência de vida em grupo são transformadas em modelos e teorias do discurso médico sociológico, por exemplo, e outros. O retorno à experiência parece ser indispensável à multidimensionalidade

porque é ela a única que integra aquele que concebe naquilo que é concebido. Nesta multidimensionalidade, as interconexões são estruturalmente constituintes e os processos não se atêm aos seres humanos transformados em conceitos, mas à empiricidade de alguém estudando, cantando, alimentando-se, costurando, fotografando...

Outra idéia que diz respeito à complexidade é a interconexão. Por ela compreendemos que o indivíduo se interrelaciona com o meio. Do ponto de vista biológico, por exemplo, a necessidade do alimento significa que nosso organismo trabalha e, trabalhando, necessita renovar energia, que extrai dos alimentos que estão na natureza. Esta, por sua vez, tem no ser humano, pelos procedimentos de preservação, um dos grandes mantenedores e fornecedores de sua energia.. Há, então, um princípio de recursividade, onde o efeito atua retroativamente sobre a causa. Assim, os processos se auto-regulam e as estruturas vão absorvendo mudanças. Do ponto de vista social, é possível pensar, pela circularidade retroativa ou recursividade, que o social está em nós - suas regras e cultura estão em nós. Desde esta perspectiva não podemos ter uma avaliação objetiva da sociedade porque ela está em nós. Nossa multidimensionalidade, antes referida, coloca a questão da unidade/diversidade ou heterogeneidade. Do ponto de vista biológico podemos pensar-nos como uno - seres biológicos, pessoas humanas, nos universos das diversidades de visões de mundo, de cultura e de sociedade. Todos somos capazes, enquanto seres biológicos, de conhecimento e sentimento, mas há diversidade quanto ao que nos mobiliza para tanto e há diversidade quanto às formas de expressão. As diversidades aparecem na empiricidade de nossas manifestações. Contudo, nossos hábitos mentais mentais, baseados na abstração generalizadora, transformam, diversidade em unidade redutora, característica do pensamento moderno. Passamos, então, a nos pensar, enquanto categoria - homem, mulher, estrangeiro, trabalhador, adulto, criança, etc. A multidimensionalidade orienta para o entendimento de que somos complexos porque somos seres biológicos, psicológicos, sociais e culturais **a um só tempo, multidimensional e multirrelacional**, na medida em que as múltiplas dimensões estão em constante processo de influência. Há interconexões que ocorrem em cada dimensão e entre todas elas.

Um exemplo de interconexão que ocorre em uma só dimensão é o caso da dimensão biológica, no que se refere às informações bioquímicas nos organismos dos seres vivos. Tomamos de Baitello (1997) a possibilidade de uma ilustração, através de suas leituras de

Ivan Bistrina, quando este propõe processos semióticos da cultura. Aponta as trocas em nível biológico, que chama de primários ou hipolinguais; também os processos sociais e suas linguagens, onde incluem as linguagens humanas e animais, desde a verbal até os feromônios e os sons em sua diversidade. Em outra dimensão, o universo social se complementa com o universo cultural, que agrega a fantasia, o imaginário, a ficção, mantendo-se devido à memória da sociedade, numa relação indissociável, que se interinfluenciam todo tempo, de maneira múltipla. Tomemos outro exemplo trazido, ainda, por Baitello (1997). Um distúrbio no metabolismo ou nos neurotransmissores, psicopatologias, distúrbios metabólicos ou hormonais podem afetar a capacidade criativa de uma pessoa. Ao contrário, uma experiência artística afeta a comunicação intraorgânica. Utilizando a contribuição do autor, em nosso caso, para além do intraorgânico e do interorgânico, podemos dizer que, para a Comunicação Social, é importante que situemos a relação natureza/cultura/sociedade do ponto de vista do pensamento complexo, segundo as idéias aqui desenvolvidas, como fonte teórica e epistemológica para compreendermos as novas experiências midiáticas, onde preponderam novas formas de produção textual, organizadas pelas múltiplas linguagens tais como os sons e as imagens, exigindo novas abordagens sobre a atribuição de sentido, para além do sistema verbal, onde acontece, também, o fazer da Comunicação Social, restabelecendo sua relação com a sociedade e cultura em novas bases, que possa refletir sobre práticas de linguagem. Renn (1999) nos auxilia a pensar esta relação entre o fazer jornalístico como manifestação do entendimento que se tem, no jornalismo, de suas relações com a sociedade. Refere que as notícias são submetidas, ainda, ao que chama de contrações espasmódicas, como se a realidade vivesse de surtos. Na agenda das redações, diz-nos ele, há uma percepção dos acontecimentos que, muitas vezes, não correspondem ao que acontece na vida cotidiana. Os fatos aparecem como se já não estivessem no mundo. Entende o jornal como sistema inserido num sistema mais amplo, formado pela realidade social de que participa. Desenvolve em seu trabalho a idéia de que jornalismo e sociedade estabelecem um jogo de intervenções onde cada sistema é continuamente recriado - o jornalismo, porque estabelece limites do que é realidade relevante e a sociedade, porque impõe interesses diversificados.

Pensar sociedade, cultura e natureza segundo os princípios de pensamento complexo, implica pensarmos sua relação com o conhecimento, o que Morin (1998) chama

de condições sócio culturais do conhecimento. As interações entre os indivíduos são constituidoras das culturas que se formam, se conservam e, enquanto se conservam, se transformam. A cultura é organizada e organizadora através do capital cognitivo coletivo dos conhecimentos adquiridos, das experiências vividas, da memória histórica, dos mitos de uma sociedade. Assim se manifesta o coletivo, por suas significações, sua inteligência e consciência. Dispondo de seu capital cognitivo, a cultura institui normas que organizam a sociedade e, como tal, orienta as práticas dos indivíduos. As normas culturais geram processos sociais. Recursivamente pensando, a cultura não seria nem superestrutura, nem infra-estrutura porque o que é produzido se torna produtor do que o produz ou gera. Cultura e sociedade estão numa relação geradora mútua. Entram, aí, as interações entre os indivíduos, que são produtores de cultura que afeta a sociedade, que afeta a cultura. Do ponto de vista do conhecimento, se uma cultura contém um saber coletivo que pertence à memória social, então a cultura não é apenas parte do conhecimento mas força de produção de conhecimento, cuja prática é, também, produzir conhecimento. Numa relação complementar, uma cultura abre e fecha as potencialidades do conhecimento. Abre, porque fornece aos indivíduos seu saber acumulado, sua linguagem seus métodos de aprendizagem e fecha porque inibe estes processos com normas, que têm a função de manter a coesão da comunidade. Nesta linha de propormos cultura/sociedade e conhecimento como relações recursivas e complementares, vemos que o indivíduo ao nascer - começa a conhecer através de sua família, sua tribo, que é sua cultura, e sua sociedade. O conhecimento estará constituído e sendo constituidor de uma estrutura que é a um só tempo biológica e sócio-cultural, manifesta num indivíduo particular. Se considerarmos que este ser humano é expressão da memória de sua espécie, veremos que é possível pensar num ser que é bio-antropo-sócio-cultural. Qualquer conhecimento, portanto, por mais simples que seja, comporta elementos biológicos, culturais, sociais e históricos. É por isso que Morin (1998) refere que falar em complexidade é falar em relação simultaneamente complementar, concorrente, antagônica, recursiva e hologramática entre estas instâncias que são geradoras do conhecimento. Passamos a entender a realidade como hologramática, quando compreendemos que a cultura está nas pessoas, que estão na cultura; é recursiva quando os seres vivos tem os recursos de vida do ecossistema que só existe pelas retroações entre esses mesmos seres vivos.

Revisitando conceitos - sua inserção nos estudos em comunicação

Pensamos que estas idéias nos auxiliam a pensar conceitos que são organizadores de nosso trabalho teórico e metodológico, em pesquisa na Comunicação. Propomos pensar alguns conceitos, orientados pela concepção da complexidade. Este é o caso de sistema e, nele, estrutura e processo.

Sistema - estrutura e processo

Inicialmente, convém situar o lugar epistemológico do sistema neste universo conceitual. Para tanto continuamos com as idéias de Edgar Morin (1998) No século passado, a teoria dos sistemas aparece como teoria geral mas possui o elemento como princípio explicativo. Na generalidade do sistema, tudo aquilo que era matéria tornou-se sistema - o átomo, a molécula. Tudo que era biológico tornou-se sistema vivo. Pensar que o todo tem força explicativa é um reducionismo. O sistema, como proposta de totalidade, visto tanto pelo todo como pelas partes, permanece atrofiado. É importante separar o pensamento sobre sistema da visão ontológica clássica sobre objeto. Este, na clássica visão de sistema, passa a ser, enquanto transformado em conceito, uma construção que abstrai a realidade, que é complexa e concreta, das organizações física e sociocultural. Morin (1998) propõe o paradigma sistêmico, na busca de superar o reducionismo ao todo ou das partes. O que é novo na idéia de paradigma sistêmico é assumir a impossibilidade de conhecer as partes sem conhecer o todo e vice-versa. Torna-se necessário extrair daí um tipo superior de racionalidade, através do que chama de “circularidade construtiva”, onde a explicação pelo todo ou pela parte se torna complementar, num movimento de circuito ativo. A manutenção de uma certa posição e de um certo jogo entre dois processos que se excluem na lógica clássica é retomado como fecundante. É a procura da explicação no movimento retroativo de um processo sobre outro (todo < parte > todo). Nesta perspectiva, o todo é uma macrounidade onde as partes não são fundidas. As partes têm uma identidade que permanece, logo não são redutíveis ao todo. Assim pensando, assumimos que os sistemas biológicos, atômicos, sociais permitem pensar que um sistema não é só uma constituição de uma unidade, a partir da diversidade, mas uma constituição de diversidade a partir da

unidade. É o caso das morfogênese biológica, onde a partir de um ovo, indiferenciado, se desenvolve um organismo constituído por células e órgãos extremamente diversos. É o caso, também, de sociedades onde coexistem culturas de identidade e culturas de diversidades, como é o caso da globalização em sua relação com o multiculturalismo. Opera-se, então, a circulação entre o uno e o diverso. A diversidade organiza a unidade que organiza a diversidade. Nos estudos de Comunicação, este princípio elucidaria, por exemplo, sobre a impossibilidade de regular a recepção numa única direção, a partir do movimento que assume as diferenças na produção de sentido. Neste movimento entendemos que **o todo é mais que a soma das partes**. As emergências são propriedades novas, **O todo é, também, menos que a soma das partes**, porque há coações resultantes da organização do todo. **O todo é, também, mais que o todo** porque o todo retroage sobre o todo, que é, antes de tudo um dinamismo organizacional. No campo do humano, entendemos o aparecimento das emergências. **As partes podem ser mais que o todo** - o desenvolvimento não está, necessariamente, na constituição de totalidades cada vez mais amplas, mas pode estar na independência e liberdade das pequenas unidades. **O todo é, também, menos que o todo**. No todo, há zonas de obscuridade, ignorância e mesmo, síndromes, falhas entre o que reprime e exprime, o imerso e o emergente. Esta idéia já aparece nas teorias pós-estruturalistas, quando, ao explicar a produção do sentido, afirmam que o plano da manifestação não é revelador da totalidade da significação. Assim, o todo torna-se, também, incerto, insuficiente e conflituoso. Retomamos, neste instante, a partir da idéias desenvolvidas, o que está sendo entendido por sistema. Assumimos a idéia de sistema que não seja totalitário, logo não hierárquico. A idéia da relação multidirecional entre partes e todo, o sistema, é complementada por outros dois termos: **interação e organização**. O primeiro termo nos elucidava sobre o fato de que os sistemas são constituídos de ações entre unidades complexas. Uma sociedade é constituída pelas interações que se estabelecem entre indivíduos. Estas interações constituem a organização do sistema. A organização é construtiva. Regula e estrutura as interações. Assim, sistema é a unidade complexa, o caráter fenomenal do todo. Estes três termos são indissociáveis. A idéia de organização é a que corresponderia a noção tradicional de estrutura ou sistema. Na visão aqui apontada, reconhecemos o papel das emergências. Sem elas, a organização causaria entropia do sistema. Não se trata de substituir a ordem pela organização, mas de propor um princípio

sistêmico organizacional que considere a desordem que gera novidades e permite transformações dos sistemas. Não podemos falar em estrutura, sem, ao mesmo tempo, falarmos em interações e organização.

Nos temas que ocupam os estudos em Comunicação Social, acolhemos metáforas ou conceitos importantes na esteira do que está sendo pensado.. O sistema visibilizado nas concepções arquitetônicas reguladoras do uso e concepção de espaço, torna-se permeável a novos usos - é o caso dos *shoppings*, das novas formas de sociabilidades e práticas sociais, como os grafiteiros, É, também, o caso do ciberespaço. O sistema entra em desordem, nega a entropia e surgem as transformações que se organizam, entram para o sistema, alterando-o, para, em seguida, serem transformados pelas novas emergências. Não existe neste movimento possibilidade de controle pelo sistema, apenas ação da força de conservação que lhe é característica. Nesta direção, entendemos por que não é possível manipular o receptor, nem mesmo em momentos extremos de censura dos meios de comunicação. Entretanto, como vimos, haverá, sempre, um movimento que impedirá que o sistema se extinga devido a entropia. Atualmente, conceitos como labirinto, rede, teia respondem a esta concepção complexa de sistema. No caso particular de teorias sobre produção de sentido, vemos atualmente conceitos como rizoma, (Deleuze e Guattari 1995) Hipertexto (Landow, 1995). Retomamos, como pertinente para esta visão, o conceito de texto estelar (Barthes,1970). Estes autores assumem este duplo movimento de articulação do já construído com o novo, isto é, das interações que vão organizando as estruturas.

As idéias apresentadas sobre sistema permitem reflexões sobre outros conceitos de uso corrente no campo da Comunicação, como totalidade e fragmento.

Sobre totalidades e fragmentos

É prática corrente entre os estudiosos em Comunicação afirmar a fragmentação como constitutiva dos modos de produção midiática. Costuma ser vinculada às "características da Pós-Modernidade". Queremos, neste trabalho, argumentar que aquilo que é chamado de fragmentação é apenas uma leitura de um processo que gera multiplicidade que, por efeito tardio dos modos de conhecimento do pensamento moderno, é lido como fragmento. Na relação entre o fazer e o compreender, estamos projetando sobre

um fazer inter-relacional a concepção de fragmento porque, conforme fomos instruídos pelo pensamento moderno, acreditamos naquilo que nossos sentidos percebem. É claro que as interconexões, não sendo perceptíveis pelos sentidos, mas concebidas por um ato de pensamento, não são apreendidas de imediato como formas de estruturar o conhecimento. Assim, vemos fragmentos, onde temos conexões. A compreensão de fragmento pode ser pensada como se originando em uma vertente epistemológica localizada na ciência moderna, através de procedimentos de análise e síntese de estruturas, dentro de uma concepção que organiza, também, os modos de produção industrial, orientada pela idéia de sistema, compartimentalização e funcionamento. A ciência moderna produz uma atitude epistêmica, termo proposto por Foucault para designar o modo como uma época interpreta seus signos, logo a produção de sentidos na sociedade e na cultura. Esta atitude gera um modo cognitivo de uma época e, como tal, orienta os modos de estruturação das linguagens da mídia e a construção dos aparelhos formais para seu estudo. Se não, vejamos. É a lógica do todo e da parte que orienta a concepção clássica de texto verbal, entendido como dado empírico, constituído de partes - o parágrafo, os períodos, as frases, as sílabas e, finalmente, a menor parte possível de segmentação, que é o fonema ou o grafema. Com começo e fim perceptíveis, o texto deve se organizar em torno de um núcleo, manifestação do ideal de unidade temática, há que se organizar com coesão e coerência. Esta atitude epistêmica orienta a Biologia - um corpo é dividido em partes, em que a menor parte é a célula; na Física, a matéria é decomponível até chegar à sua menor parte, que é o átomo. É nesta lógica analítica que surge a idéia de fragmento. Omar Calabrese (1987) nos auxilia, neste instante, elucidando que o fragmento envolve uma prática analítica-indutiva, que o reenvia a uma estrutura suposta como ausente. Refere que, por exemplo, uma estátua em que falta a mão é uma totalidade com lacuna. Contudo, se renunciarmos a lógica de pertença de um fragmento a um sistema, o que era uma parte se torna um inteiro. Assim, uma mão sem pertença a um sistema, que é o corpo humano, constitui-se em uma totalidade. O conceito de enunciação, nas teorias da linguagem de cunho pós-estruturalistas, é importante porque nos auxilia a compreender que o sentido de toda a manifestação é resultado de um jogo cujos componentes são os interlocutores, e a situação, onde incluímos o momento de enunciação. Tudo que é manifesto, entendido como enunciação sócio-cultural, significa, segundo os elementos deste jogo. O que resulta desta situação será um sentido por inteiro,

mesmo que haja uma só palavra. Isto porque o contexto psicossociológico será a instância onde o sentido constituir-se-á sempre de forma completa. Pela enunciação, uma mão, uma palavra, um grito serão um inteiro, não um fragmento. A idéia do inteiro, da totalidade se inscreve em outra atitude epistêmica, cuja fonte poderia ser buscada no avanço de algumas ciências que, num movimento interdisciplinar, exercem, umas sobre as outras, uma ação referente aos modos de conhecer de cada uma, isto é, uma ação epistemológica. Este é o caso da Física com o conceito de ordem/desordem; partícula/onda; campo; indissociabilidade entre observador e fato observado. A Química, através de Ylia Prigogine (1996), apresenta-nos a irreversibilidade do tempo, com as estruturas dissipativas. Entendemos, agora, por que o sentido não são passíveis de repetição. Na Neurologia, Olivier Sacks (1997) e Antonio Damásio (2000) propõem a relação pensamento/emoção como inseparáveis, permitindo-nos ampliar o entendimento da cognição. Por isso, temos ambiente teórico para pensarmos, em Comunicação, que a estesia é uma forma de conhecimento compatível com os modos de expressão multimidiáticos, onde os sons, as cores, o movimento e a emergência de novas significações de tempo e espaço, se produzem para além de conceitos, logo representação, e raciocínio lógico-matemático. Edgar Morin, apresentando conceitos como auto-eco-organização, produz impacto sobre a visão clássica de estrutura. Maturana e Varela (1999;1997) trabalhando com a autopoiese, enriquecem a compreensão sobre a impossibilidade de um receptor passivo.

Especialmente útil para esta reflexão é o conceito de holograma, que nos vem da Física, com a pesquisa em ótica, que valeu a Dennis Gabor um prêmio Nobel. Seguido pelo neurocientista Karl Pribram e pelo físico David Bohm a holografia inspira estes dois cientistas para a proposta de que nossos cérebros constroem matematicamente a realidade dita concreta, interpretando um universo holográfico. O que existe é uma ilusão de concreticidade. "A ciência tem objetivado a natureza, observando-a através de lente" (Wilber et alii:1995). Holografia é um método de fotografia sem lentes. O campo ondulatório da luz é espalhada sobre um objeto e registrado numa chapa. O registro fotográfico, o holograma, exposto a um feixe de luz, como o laser regenera o padrão ondulatório original. Aparece, então, uma imagem tridimensional. O importante para nossa argumentação é considerar que qualquer pedaço do holograma pode reconstituir a imagem inteira, vindo ao encontro da crítica ao fragmento.

Na esteira deste pensamento passamos a pensar a célula, não como um espaço vazio, menor parte possível de decompor os seres biológicos, mas como um holograma do corpo humano. Isso é facilmente compreensível se pensarmos que todo o código genético dos seres humanos está inscrito na célula.

Nas repercussões epistemológicas para a compreensão das significações sociais e culturais, somos autorizados a compreender por que um publicitário ou um jornalista utiliza recortes de jornal ou de imagens e os reunifique, segundo um princípio de pseudo fragmento, dado que não havia idéia unificadora ou tema central. Os sentidos se processam, neste caso, por saltos, de um lugar a outro, de um extremo a outro, fazendo sentido. Trabalha-se, aí, com a prática de espalhar, evitando-se o centro. A tônica recai sobre as irregularidades e não sobre a sistematicidade ordenada. Perde-se propositalmente a integridade, as identidades fixas, a globalidade. Buscam-se as instabilidades. Produz-se e compreende-se conexões improváveis. É possível pensarmos em reunir fenômenos diferentes, sem que o critério de reunião seja o paradigma, que envolve movimento e mudança, também, mas apenas as autorizadas pelo paradigma. Bruno Latour (1994) diz que se apertarmos "o mais inocente dos aerossóis" seremos levados à Antártida, de lá a uma universidade, onde se discute sobre química dos gases, depois iremos às linhas de fabricação dos recipientes e, de lá, talvez ONU, quando haverá uma conferência que inclui os gases na segurança do planeta. Nossos corpos também podem ser pensados como hologramas, na medida em que nossa roupa, nossos gestos atualizam os espaços físicos e socioculturais onde vivemos. Eles estão em nós, comprometendo nossa condição de seres "naturais". A teoria da linguagem trabalha com a conceito de intertextualidade, totalmente compatível com a concepção de sentido hologramático aqui trazido.

Esta ordem de idéias permite propor que uma nova textualidade não é um fato isolado. Surge como resultado de um, digamos, "espírito de época". Propomos que esta nova textualidade é a que melhor se coaduna com os processos de produção midiática. Pensemos na seguinte experiência de um leitor de jornal. Abrindo ao acaso jornal Zero Hora de Porto Alegre/RS, o leitor vê que "há novo fôlego para a ciência brasileira pelo aumento de verba para ciência e tecnologia". Na página ao lado, passa para a notícia da morte de um PM, em desastre de automóvel no Vale do Taquari. Já ao lado, o leitor vai para a cidade de Viamão, fica sabendo, então, que há uma campanha sobre acidentes por excesso de

velocidade. Mais à direita, vai para outra cidade, Farroupilha, onde os bombeiros desenvolvem campanha para prevenir acidentes domésticos, isto tudo no Rio Grande do Sul. Enquanto isso, no Nordeste, a CNBB realiza campanha para auxiliar as vítimas das enchentes. Dois terços desta mesma página são ocupados com o Madison Residence, edifício, em que a "palavra sofisticação ganha um novo significado". Em uma página, o leitor "viajou" para três cidades e uma região brasileiras. Passou por acidentes de carro, acidentes domésticos, enchentes e se deparou com um luxuoso edifício. Se considerarmos que este jornal tem, em média, setenta páginas, perguntamos: o que é um texto neste caso? onde estão a coesão e coerência textuais? onde está a narrativa? onde está a seqüência? Ou as perguntas são outras, como por exemplo: qual é esta intensa e nova prática de leitura? como ler este novo texto que está organizado como mosaico? uma pesquisa desenvolvida pela Stanford University, utilizando um aparelho que percebe o foco do olho - *eye attractive* -, verificou que numa página de jornal, o leitor norte americano fica meia hora diante da tela e procura, primeiro, as notícias sobre crimes e desastres, depois passa para as imagens. Os anúncios do alto da página tem um segundo de atenção, enquanto fotos e gráficos têm um quarto de segundos.

Pensamos que uma teoria de texto que melhor contempla esta textualidade midiática é a que vem pelo conceito de hipertexto, acrescentando a possibilidade de recuperarmos a proposta que Roland Barthes fazia na década de setenta., com o conceito de texto estelar ou estilhaçado. Para ele o texto é plural. Tudo significa sem cessar e várias vezes, mas sem se submeter a um grande conjunto final, a uma estrutura última. O texto é uma rede com mil entradas. São suas preocupações (1970):

comparar um texto a um céu, simultaneamente plano e profundo, sem margens, nem ponto de referência;

traçar zonas de leitura para nela observar a migração dos sentidos; os termos onde se produzem links visam ao plural do texto e a seu inacabamento;

O leitor do texto estelar pode obedecer a não obedecer a ordem de entrada. O texto se organiza para a releitura. Ao contrário dos hábitos consumistas que recomendam a abandonar o texto, uma vez lido, o autor propõe o contrário porque ler novamente não significa repetir a leitura mas multiplicá-la, significa produzir diversidade. Não há primeira leitura. O livro não entra no consumo mas no jogo que é o retorno da diferença.

Paralelamente a esta concepção de textualidade, temos o hipertexto ou hipermídia. Trata-se de uma expressão apresentada por Teodor H. Nelson, nos anos 60. Refere-se a um texto eletrônico, a uma tecnologia informática e, também, a um modo de edição. Trata-se de um texto de seqüência não linear. Consiste em uma série de blocos de textos conectados entre si por links que produzem diferentes itinerários para o leitor. Inclui imagens, gráficos, mapas sons. Cada bloco se constitui em um texto por inteiro, não sendo entendido como partes de um texto nuclear. À medida que o leitor se move por uma rede de textos, desloca, constantemente o centro e, com ele, sua experiência de leitura. O centro depende do leitor, que se transforma, assim, em um verdadeiro leitor ativo. No hipertexto, há corpos de textos interconectados pelo leitor, sem um eixo fixo de organização. É experimentado como um sistema que se descentra indefinidamente, dentro das previsibilidades constitutivas da tecnologia informática. A concepção hipertextual ou hipermidiática de produção de sentido, vinculada a uma episteme, conforme foi tratado neste texto, está para além de uma tecnologia informatizada. A cultura literária e cinematográfica está plena de textos com concepção de hipertextualidade.

Se o hipertexto envolve um movimento de interatividade na produção de sentido, manifesto **ou não** em tecnologias "facilitadoras", como é o caso do hipertexto em informática, então torna-se necessário um conceito que dê conta do sentido como movimentos de retardamento, precipitações, avanços, retornos, que constituem o entendimento referido das múltiplas entradas. Este conceito vamos encontrá-lo no rizoma. (acrescentar do projeto).

Pensamos que a ordem de pensamento aqui construído nos compromete a propormos um conceito que melhor diga sobre a concepção de textualidade apresentada. Assumiremos o termo utilizado por Ítalo Calvino (1990). Trata-se da **multiplicidade**. Aliás, a argumentação apresentada pelo autor para a multiplicidade como uma das seis proposta para o próximo milênio, é perfeitamente compatível com a ordem de idéias construída para este trabalho. Para o autor o romance contemporâneo, entendido como enciclopédia se constitui em um método de conhecimento porque vê o mundo como um sistema de sistemas. Através do texto de um escritor italiano, Carlo Emilio Gadda, o mundo é visto como um rolo, uma embrulhada- há a presença simultânea de elementos heterogêneos. Cada objeto mínimo é visto como o centro de uma rede de relações de que o

escritor não consegue se esquivar. De qualquer ponto de que o escritor parta, diz-nos Calvino, seu discurso se alarga de tal forma que, se pudesse se desenvolver em todas as direções, abraçaria o universo. É uma intrincada rede, ilustrada por um episódio sobre uma jóia roubada. Cada pedra preciosa dá lugar à sua história genealógica, sua composição química, referências históricas e artísticas. As coisas são apresentadas como relações infinitas, passadas e futuras, reais ou possíveis, todas convergindo para elas. A estrutura de uma obra assim concebida se modifica continuamente, não é possível ser terminada porque se "dilata em seu interior por força de seu próprio sistema vital" (1990:126). Há uma rede que concatena todas as coisas. Trata-se de um sistema de infinitas relações que a tudo se concatena. Um livro de Alfred Jerri - O amor absoluto -, escrito em 1899, traz em apenas 50 páginas uma história que pode ser lida como três histórias diferentes: ou como a história da espera de um homem condenado à morte em sua cela na noite que antecede sua execução; ou o como um monólogo de um homem com insônia que depois sonha que é condenado à morte ou como a história de Cristo.

Sistema aberto e os Possíveis - o espaço para o entendimento da realidade como linguagem

Medina (1990) refletindo sobre jornalismo e epistemologia da complexidade, refere que, atualmente, os cientistas estão às voltas com os dilemas da produção simbólica. O discurso sobre o mundo deixa de ser tratado como "retrato fiel" e objetivo da realidade. Assumimos a idéia pós-estruturalista que assume a crítica à noção de que o sujeito recuperaria, com a objetividade, o objeto (o mundo ou a idéia de mundo) que está fora dele. Medina chama atenção para o fato de que o jornalista trabalha, ainda, com uma teoria técnica, organizada em manuais, opera com esta crença. As técnicas jornalísticas estão, ainda, alicerçadas no paradigma positivo-funcionalista. Resultado disto é o empobrecimento simbólico do sistema da Comunicação Social no país.

Queremos assumir que, sendo a Comunicação Social um fato humano, seu campo de sustentação são os possíveis, enquanto abrigo das imprevisibilidades, diferente dos possíveis paradigmáticos. Este é o caso da recepção. As teorias estão no campo instrumental dos conceitos que, historicamente construídos, fazem parte da estrutura, que, por estar

constituída, faz parte do real. Para os estudos comunicacionais, o real não é entendido como fato, segundo os princípios da objetividade moderna, mas com significações sócio-culturais. Se não estiver articulado a este entendimento e a esta prática, a realidade torna-se consensual, repetitiva. Neste caso, o sistema tende a extinguir-se. A não entropia viria da relação entre o real, entendido como estrutura e seu movimento de absorção das emergências sócio-culturais, os possíveis, que é o processo, enquanto lugar das imprevisibilidades. A interação, expressa teoricamente no rizoma, como aspecto constituidor do sistema, pode ser pensada através da experiência. Nas ciências experimentais e da natureza, a experiência é um fazer que tem por fim comprovar empiricamente, através de procedimentos de controle, hipóteses que serão consideradas verdadeiras se validadas experimentalmente, através de procedimentos mecânicos de explicação causal. No caso das ciências humanas, a experiência é mais que ação. É práxis de uma interação com o meio, numa abordagem que vem pela compreensão, historicamente situada. A consideração da historicidade na compreensão da prática é outro traço a ser considerado na Comunicação Social. Quando trabalhamos com processos humanos e sociais existem os valores e seus significados que só podem ser atingidos quando inseridos num contexto histórico.

A idéia aqui trazida de realidade enquanto significação, historicamente constituída, logo possibilitando as interações como elemento constituidor da organização nos autoriza a questionamento, por exemplo, sobre o da idéia circulante entre os profissionais da Comunicação, quando afirmam que o compromisso da jornalista é com a verdade dos fatos. Reproduz-se nesta fala o ideal de objetividade dos sistemas fechados não permeáveis aos possíveis, que, pelas interações, geram as novidades. Entendendo que a matéria prima da Comunicação é a realidade constituída enquanto sentido., temos o compromisso de situarmos o estudo da Comunicação no âmbito dos processos de consciência e da ideologia. Não existe, pois, neutralidade. Esta fala, tão comum aos jornalistas prende-se a uma concepção veritativa da linguagem, própria do sistema fechado ao campo dos possíveis. Destes campos surgem os sentidos como possibilidade que tem o ser humano de estabelecer relação entre o plano das manifestações sensíveis e os conteúdos daí resultantes. Os fatos, os objetos tanto quanto as palavras são significações. Neles reafirmamos a não neutralidade da linguagem. Por exemplo, um pedaço de pão, para tomarmos um exemplo de Bakhtin (1970) remete ao significado de alimento. Entretanto sua materialidade, transforma-

se em expressão de um novo conteúdo religioso, podendo significar para os cristãos, o corpo de Cristo. Assim, a noção de verdade é inaceitável. Um enunciado, aparentemente veiculador de uma verdade ou fato, do tipo “Nosso presidente chegou hoje ao Brasil” traz, em sua enunciação, um efeito de verdade - o uso de “nosso” e o tempo verbal, assim como o advérbio de lugar, se encarregam de organizar este efeito. A substituição pelo enunciado “a chegada do Presidente ao Brasil...”, apagando as marca de sujeito - nosso - e de tempo - chegou, traria outro efeito de realidade, mais forte. Por outro lado, as condições de produção da enunciação, afetam o sentido. Ao invés de veiculação de informação, os leitores entenderão a ironia subentendida "O Presidente não estava no Brasil, como aliás, costuma acontecer", ou "Que milagre!" A chegada do presidente ao seu país, para além de um fato, consiste, na forma como acontece, a significação do ato de governar naquele país específico - a forma como chega, como é recebido, etc. O núcleo da Comunicação Social não é a função veritativa da linguagem, mas a função persuasiva, onde se produz um crer, um parecer ser real, ser verdade, ser fato. As significações envolvem sempre princípios argumentativos e estes envolvem sempre critérios avaliativos. Vejamos um exemplo. Os usos de termos que a mídia ou as pessoas fazem de termos referentes ao contexto econômico e social de compra e venda, tem a ver com o valor que está orientando o momento econômico e político do país. Um valor pode ser - gastar é bom - para um momento de incentivo ao consumo ou - gastar é ruim- para um momento de recessão. A partir destes valores o uso de palavras como generoso e avarento estão reafirmando o princípio de que gastar é bom e o uso dos termos econômico e perdulário está negando o princípio de que gastar é bom. O emprego de uma ou outra expressão supõe a avaliação do ato de gastar. Compreendemos, assim, que toda linguagem envolve um ato valorativo sobre aquilo a que se refere.

O pensamento complexo no jornalismo - o jornalista como mediador simbólico

É com Medina (1990) que apontamos uma implicação complexidade para os estudos jornalísticos. É a do jornalista como mediador simbólico. A autora nos auxilia a argumentar com as seguintes idéias: qualquer jornalista é um produtor de sentidos. Logo, atua na malha cultural da sociedade. Particularmente, no jornalismo cultural, o jornalista deve assumir consciente e eticamente uma estratégia de compreensão da cultura de seu povo

e, ao definir uma pauta de eventos culturais, por exemplo, deve definir-se a partir das identidades que definem a cultura em que atua; Enquanto produção simbólica, a autora pensa o jornalista como presença poética na Comunicação social, na linha de uma produção jornalística humanizadora, que pede uma sintonia cultural. O empecilho é que ainda não superamos a visão de transmissão tecnicista das informações, por isso torna-se difícil atingir a estética, na Comunicação.

Na prática de um jornalismo que assuma o rompimento com um ideal de objetividade, é proposta a oralidade popular e a literatura como duas fontes de interação social criadora, permitindo ao jornalista, mais facilmente, tornar-se mais sensível aos sujeitos históricos do presente.

Tentando relacionar o uso do texto aberto com o fazer de mediador simbólico, propomos que os processos midiáticos se constituam por processos organizados num movimento de rizoma. Este é, principalmente, o caso da reportagem. Sobre o recorte na reportagem, entendemos que o lugar teórico do repórter é o de , pela enunciação projetar para o texto jornalístico sujeitos psicossociais. Na constituição do texto jornalístico, na construção da trama, do texto como tecido, o repórter caminha por labirintos e aproxima os sujeitos psicossociais aparentemente distanciados no tempo e no espaço.

Uma vez que repórter e leitor coexistem num mesmo tempo histórico, o repórter fala a partir de uma orientação comum ao leitor. Passa a haver, assim, um reconhecimento mútuo do mundo. A opinião pública, tem, por isso, em sua gênese, no compartilhamento desta orientação comum que os torna cúmplices e por onde o leitor sempre se reconhece no texto. O repórter é, talvez, no sentido da complexidade, um holograma da sociedade e da cultura. Pela recursividade entendemos que ele não é um formador da opinião pública porque o leitor está, já, no texto que o jornalista produz.

Voltando ao começo...

Se o perigo do uso de teorias consensuais é o desconforto do “já visto”, o que significa o fortalecimento do consenso, que traz importantes implicações econômica e políticas, devido ao custo que a hora de trabalho de um pesquisador tem para os cofres públicos e à sua responsabilidade na contribuição para a mudança de mentalidades, por outro lado, por permanecer no limbo do já pensado, garante uma zona de conforto para o

pesquisador que vê seu trabalho sendo lido e aprovado pela comunidade de pesquisadores do qual faz parte. Por outro lado, instituir seu lugar em zonas de rupturas, acarreta, também, um duplo movimento. Trabalhar com teorias novas exige uma construção a um modo novo de gerar conhecimento, que, necessariamente nos pega despreparados. O resultado são aproximações incipientes dos conceitos aos nossos objetos de estudo, ou, mesmo, tendência a repetir como estratégia de apropriação da novidade. Contudo, ganha-se política e economicamente pelas razões inversas às apontadas antes. Entre uma e outra posição, este texto coloca-se veementemente e buscando ser o mais responsável possível, ao lado dos perigos do novo. Na verdade, o “novo”, aqui pensado não é tão novo assim. A chamada epistemologia do pensamento complexo já encontra, enquanto força de mudança, lugar dentro do sistema da produção científica e tecnologia, expressa no número cada vez maior de adesões por parte dos pesquisadores- artigos, livros, teses, temas de eventos científicos, entre outros. Afinal, logo, estas idéias, hoje marcadas por sua especificidade, tentando se articular, sem se prostituir, com o consenso, estarão fazendo parte daquilo que Khun chama de ciência normal. Mais do que tudo, talvez esteja em pauta, então, o exercício de desenvolver nossa capacidade de absorver e produzir o novo, como contribuição para a busca de uma vida de mais qualidade em todos os sentidos possíveis.



Referências Bibliográficas

- BAITELLO, Norval Jr. O animal que parou os relógios. São Paulo: AnnaBlume, 1997.
- BARTHES, Roland. S/Z . Lisboa: Edições 70, 1970.
- BAKHTIN, Mikhail. Marxismo e filosofia da linguagem. São Paulo: Hucitec, 1981.
- CALABRESE, Omar. A idade neobarroca. Lisboa: Edições 70, 1987.
- CALVINO, Ítalo. Seis propostas para o próximo milênio: Lições americanas. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- DAMÁSIO, Antonio R. O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- _____. Mistérios da consciência. São Paulo: Companhia das letras, 2000.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Felix. Mil Platôs. Vol. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

- HENN, Ronaldo (2000). Fronteiras sistêmicas do jornalismo. Tese apresentada à PUC de São Paulo.
- KERKHOVE, Derrich de. A pele da cultura. Uma investigação sobre a nova realidade eletrônica. Santa Maria da Feira: Relógio D'Água, 1997.
- KHUN, Thomas. A estrutura das revoluções científicas. São Paulo: Perspectiva, 1989.
- LATOUR, Bruno. Jamais fomos modernos. Rio de Janeiro: Ed.34, 1994.
- LEVY, Pierre. As tecnologias da inteligência. Rio de Janeiro: Ed. 34,1993.
- MATURANA, Humberto. De máquinas e seres vivos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1970.
- MEDINA, Cremilda. Jornalismo e a Epistemologia da Complexidade. *In: Novo Pacto da Ciência: A Crise dos Paradigmas*. São Paulo: ECA/USP, 1991.
- PRIGOGINE, Ylia. O fim das certezas. São Paulo: UNESP, 1996.
- SACKS, Olivier. O homem que confundiu sua mulher com um chapéu. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.